

J. Audaci Junior

Riscos no Tempo

40 anos de história em quadrinhos na Paraíba

1963

1973

1983

1993

2003



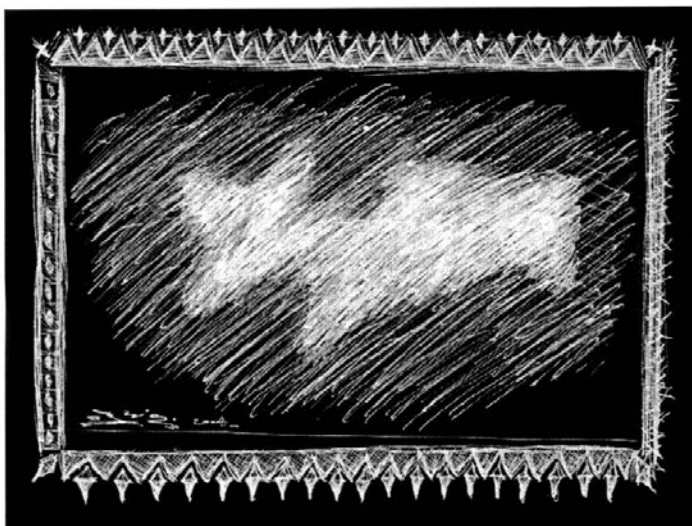
Riscos no Tempo

40 anos de história em quadrinhos na Paraíba

J. Audaci Junior

Riscos no Tempo

40 anos de história em quadrinhos na Paraíba



Marca de Fantasia

Parahyba, 2025

Riscos no Tempo

40 anos de história em quadrinhos na Paraíba

J. Audaci Junior

Série Repertório, 49. 2025, 2a edição

ISBN 978-85-7999-127-1



Marca de Fantasia

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A

João Pessoa, Paraíba, Brasil. 58046-033

Tel.: (83) 998.499.672

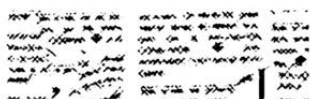
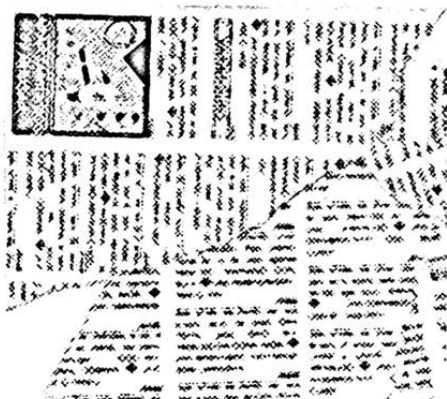
Email: marcadefantasia@gmail.com

<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia - CNPJ 09193756/0001-79 - e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

A primeira edição desta obra saiu como impresso em 2006
pela editora Marca de Fantasia



SuMáRiO



<u>Introdução: Bola de demolição</u>	7
<u>1: Ao quebrar da Terceira Onda</u>	9
<u>2: Histórias de pescador</u>	15
<u>3: O prisioneiro da quarta dimensão</u>	23
<u>4: Ninguém pensa nos sentimentos da Velta</u>	29
<u>5: O marginal pornográfico</u>	35
<u>6: Das tiras, coração</u>	43
<u>7: “Ôxente, uncle sam!”</u>	51
<u>8: Água que passarinho não bebe</u>	55
<u>9: Embalagem de peixe</u>	61
<u>10: Enquanto isso</u>	67
<u>Cronologia</u>	74
<u>Agradecimentos</u>	76
<u>Sobre o autor</u>	77

• 41984 • XXXX de OXUROS de 11 de 41984



Introdução:

BULA de DEMOLIÇÃO

Jornalismo em Quadrinhos



Joe Sacco está na vanguarda!

Este é o sueco Art Spiegelman, autor de “Maus: a história de um sobrevivente”, que relata a vida de seus pais durante o Holocausto. “Maus” foi traduzido para 18 línguas e é a única história em quadrinhos - HQ - a ganhar o Prêmio Pulitzer.

Spiegelman está falando deste jornalista abaixo.

Em 1991
fiz uma visita de dois meses a
Jerusalém, à Cisjordânia e à Faixa de
Gaza. Queria ver em primeira mão a
situação dos palestinos sob ocupação
israelense.



Não é só conflitos da humanidade que Sacco e Spiegelman têm em comum. Ao invés de produzir seu livro-reportagem de forma convencional, Joe Sacco o fez com uma nova modalidade narrativa que criou: o jornalismo em quadrinhos. “Palestina, uma nação ocupada” foi seu primeiro trabalho nesta linha, lançada em 1995 (no Brasil, cinco anos depois).

Nascido em Malta no ano de 1962, Sacco passou a infância na Austrália e ainda jovem se mudou para os EUA, onde se formou em jornalismo pela Universidade de Oregon. Depois de “Palestina”, o quadrinhista publicou na revista “Zero Zero” a história “Natal com Karadzic” e “Soba”, pela Drawn & Quarterly, ambas sobre sua viagem à Bósnia, entre 1995 e 1996. Seu terceiro trabalho sobre esse conflito, “Área de Segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental”, foi eleita melhor HQ do ano pela revista “Time”.

Joe Sacco utiliza várias técnicas jornalísticas para rabiscar as histórias: realiza entrevistas (não no sentido de interrogatório, mas como possibilidade de diálogo), traça perfis, revela histórias de vida nos depoimentos, reconstrói os fatos e/ou adiciona elementos ficcionais, como no “new journalism”, expressão jornalística utilizada para classificar a tendência de se introduzir tais elementos na descrição dos fatos.

Enfim, Joe realiza um jornalismo humano, aprofundado no contexto tão complexo que é uma guerra que perdura por gerações e que sempre tem os olhos do mundo voltados para ela. Sacco não esconde seus questionamentos, seus anseios, medos e até sua indiferença em certos casos, aspectos que podem ser vistos em qualquer um.



Paraibanos em quadrinhos

Com a ciência de que jornalismo pode ser feito através de HQs, aliado ao aniversário de quatro décadas de história das histórias em quadrinhos paraibanos, surge “Riscos no Tempo”, recortes que abordam desde 1963, ano da gênese da produção de HQ no Estado com “As Aventuras do Flama”, de Deodato Borges, passando por momentos e personagens importantes que compõem essa trajetória, até a chegada de novos autores, como Shiko e o estúdio Made in PB, que apareceram nos últimos anos.

Em 2002/3, durante as pesquisas para estas reportagens, o que se observava em jornais e livros que abordavam o assunto é o distanciamento analítico dos principais personagens, autores e eventos. O que tento fazer aqui é dar um caráter ensaísta inédito sobre o tema, interpretando o desempenho dos autores na produção, decompondo personagens, descortinando o lado humano dos autores e analisando os principais eventos sobre os quadrinhos paraibanos.

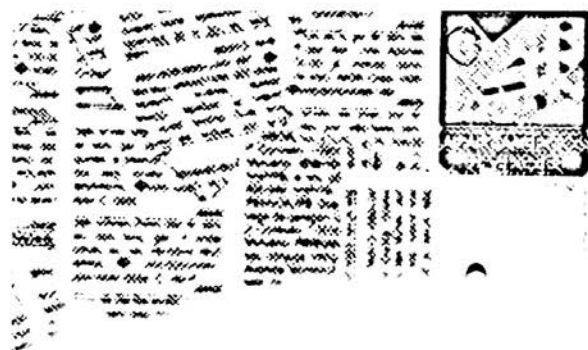
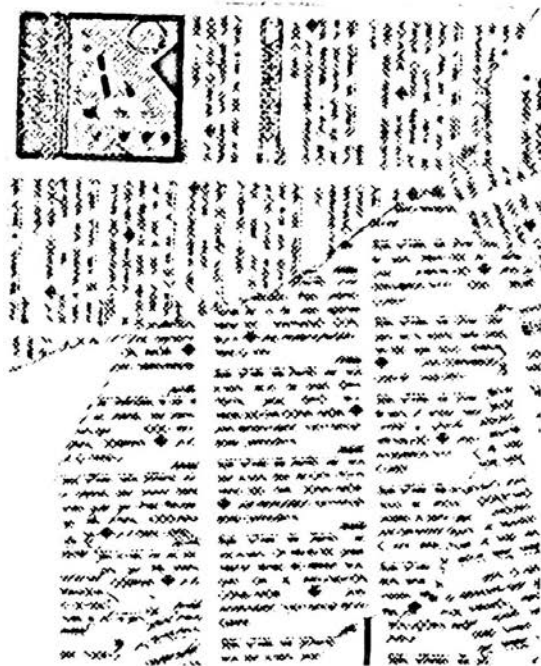
Infelizmente, devido sua amplitude, muitos personagens de carne e osso e de papel não estão no gibi. Para remediar, apresento uma cronologia sobre os principais personagens e publicações.

Além disso, não pesquisei ou apresentei alguns fanzines, pois muitos deles só vivem alguns números e não seguem uma continuidade, o que solidifica meu indulto.

Às vezes, para a construção do entendimento da contemporaneidade, mais especificamente no âmbito dos quadrinhos da região, devemos realizar a desconstrução do passado recente para refazê-lo como conector da situação atual.

Derrubar para reconstruir.

E o movimento pendular da minha bola de demolição está aumentando progressivamente...



1: Ao Quebrar da Terceira Onda



Eu estou cansado de tudo isso!
Vou me aposentar!



2003.

Henrique Magalhães.

Quadrinhista.

Editor independente.

Professor de *Comunicação Social* cansado...

Sete anos atrás, Henrique organizou uma exposição intitulada "A Terceira Onda", na galeria Archidy Picado e no Tribunal Regional do Trabalho, em João Pessoa, nos meses de maio, outubro e novembro.

A produção de histórias em quadrinhos na Paraíba tinha começado no ano de 1963, o que Henrique chama de "Primeira Onda", mas vamos deixar essas outras ondas para surfar depois...



A "Terceira Onda" começou na década de 1980 e se consolidou nos anos 1990 com os principais quadrinhistas atingindo a profissionalização:

Deodato Taumaturgo Borges.

Ou Mike Deodato Júnior.

Emir Ribeiro.



Deodato Filho estava desenhando para os Estados Unidos desde 1991, trabalhando com as principais editoras de lá. Emir Ribeiro seguia seus passos, arte-finalizando os trabalhos.

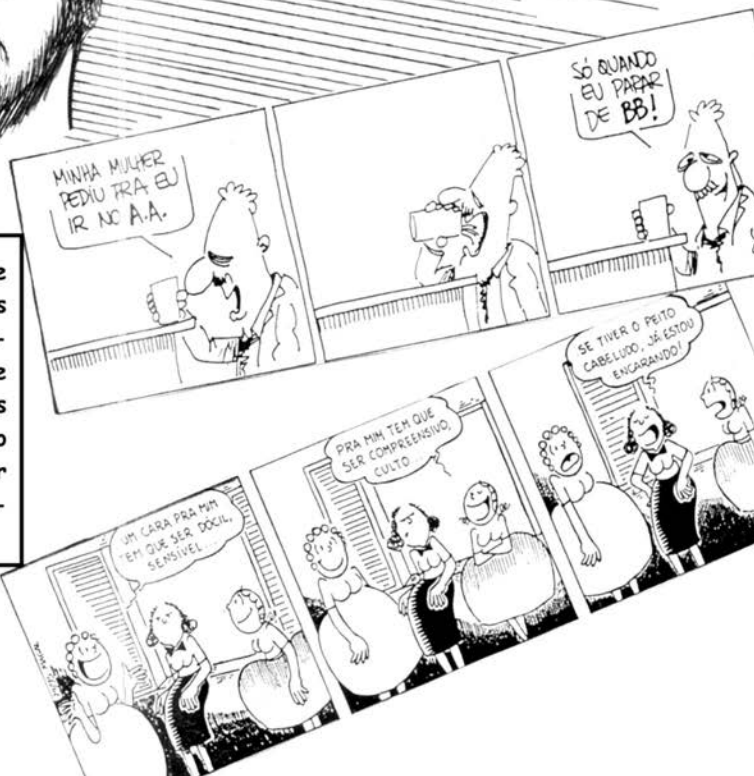
Completando com Cristovam Tadeu...



...e o próprio Henrique.



O humor de Cristovam se fazia presente nas páginas do Jornal O Norte e na revista Bastidores. Henrique também tinha suas tiras diárias publicadas no jornal, além de continuar editando fanzines e revistas em quadrinhos.



Segundo o organizador, a exposição foi uma retomada sobre a visão de profissionalização dos quadrinhos pa-raibanos.

Mas antes, principalmente nos anos 1970, existiam muitos quadrinhistas e diversos personagens.



O que aconteceu com eles?

Na introdução do catálogo da exposição Henrique Magalhães diz que A Terceira Onda é "um momento de transição que poderá abrir perspectivas ilimitadas para os quadrinhos paraibanos".

E o que está acontecendo com as histórias em quadrinhos na Paraíba atualmente?

Henrique está desanimado com os alunos de Jornalismo, que não dão muita importância a sua disciplina de Pequenos Meios em Comunicação, produzindo trabalhos sofríveis.

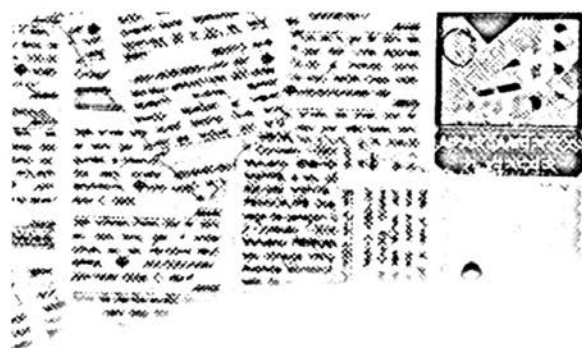
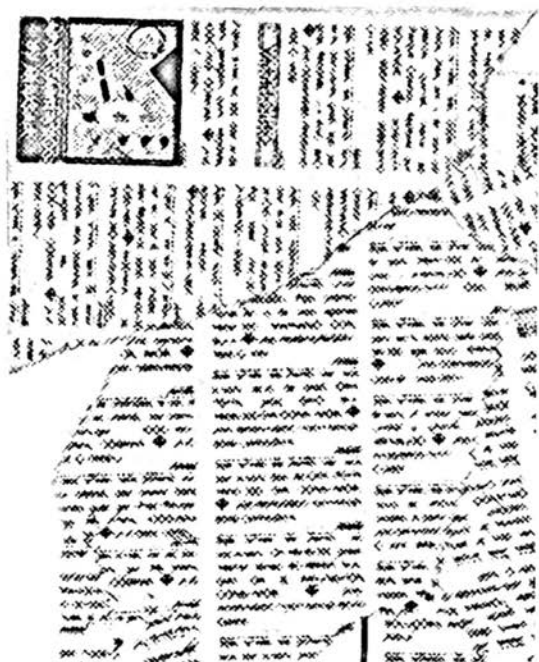
Está cansado da falta de receptividade de seus fanzines, dos problemas da gibiteca que criou, entre outras coisas.

Pergunto se deseja morar na França, onde fez doutorado...



Morar não!
Talvez passar um tempo por lá!

Henrique Magalhães continua sem perspectiva e cansado...



2: Histórias de Pescador

• 和和和 • XXXX de Novembro de 11

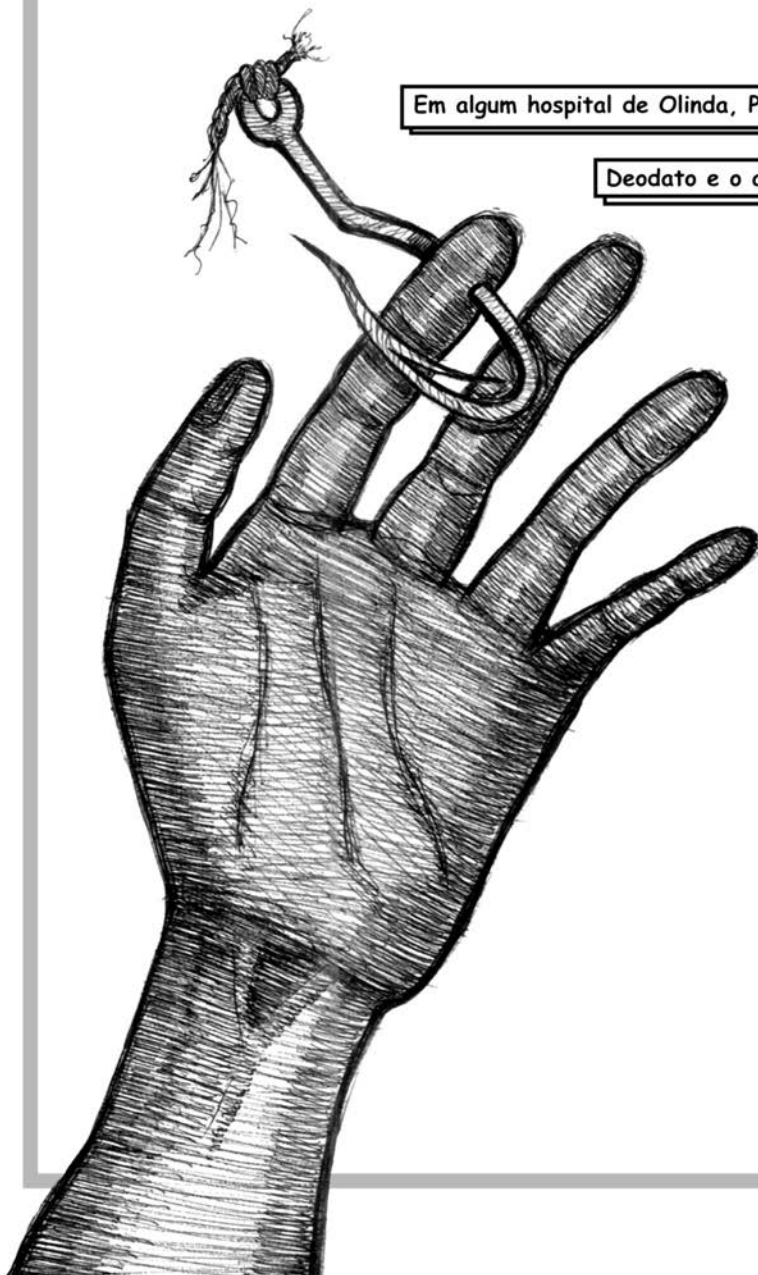


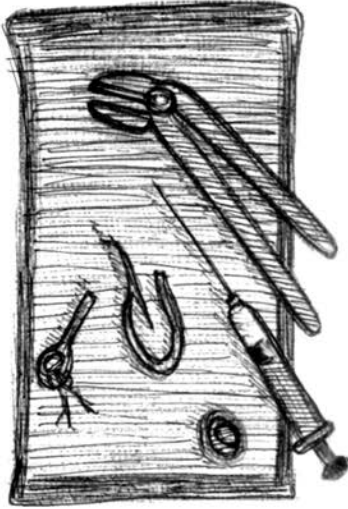
História de pescador:

Em algum lugar do passado.

Em algum hospital de Olinda, Pernambuco.

Deodato e o anzol.





Tudo bem agora, **FLAMA!**

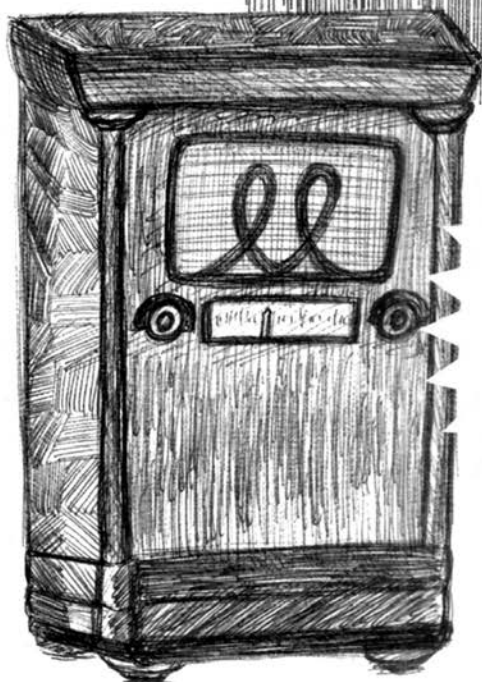
O QuÊ?!



1960.

Em Campina Grande, Paraíba, o jornalista Deodato Taumaturgo Borges cria uma série radiofônica diária para concorrer com seriados nacionais da época, como Jerônimo.

Através da Rádio Borborema, As Aventuras do Flama mostrava um índice de audiência, segundo o autor, próximo de 100 por cento. O horário da novela foi até alterado, pois crianças só iriam à escola depois do Flama resolver mais um caso.



"A partir deste momento, a Rádio Caturité apresenta: AS AVENTURAS DO FLAMA! O mais empolgante seriado já escrito para o Brasil! A luta incansável de um homem em defesa da lei e da justiça! AS AVENTURAS DO FLAMA! Uma novela original de Deodato Borges para o patrocínio exclusivo do Mundo dos Chocolates! E vamos iniciar AS AVENTURAS DO FLAMA!..."

Três anos depois...

Março de 1963.



Jerônimo tinha sua própria revista em quadrinhos vinda do Rio de Janeiro.

Seu concorrente tinha e por que o Flama não?

Das ondas do rádio à impressão das páginas à quente, em linotipia, o Flama foi ateado no papel.



"A mesma mão que escrevia os capítulos da novela, preparava o argumento dos quadrinhos e a desenhava", conta Deodato.

"Os primeiros 1.500 exemplares foram vendidos nas portas da rádio. Ao término do capítulo, quando anunciei que a revista estava pronta, centenas de crianças invadiram a emissora. As edições nem chegavam nas bancas", relembra.

Se o Flama fosse concebido inversamente, não teria o sucesso de vendas sem a "propaganda" da rádio.

Uma coisa era a editora Rio Gráfica publicar e distribuir para todo país o Jerônimo, com uma equipe de criação e um moderno parque gráfico para época.



Outra coisa era publicar As Aventuras do Flama toda feita a base de clichê e por uma única pessoa.

Sem contar com a concorrência vinda de fora e com superpoderes dos heróis como Hulk, Capitão América e Homem-Aranha. Personagens que décadas mais tarde seu filho, o também Deodato, viria a desenhar. "Filho de peixe..."

Infelizmente, o Flama de criatividade era uma fagulha.

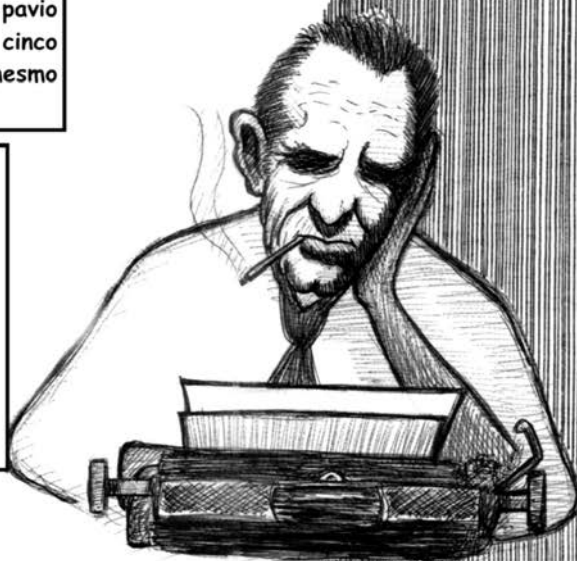
O lãnguido argumento tinha como "muletas" toda a base de Spirit, de Will Eisner, quadrinhista norte-americano que revolucionou a linguagem do gênero nos anos 1940, mas sem reproduzir esta linguagem, calcadas apenas nas desgastadas frases de efeito e personagens maquiados, não só de Spirit, como também de Flash Gordon, de Alex Raymond.



Por vezes, cheguei a copiar mesmo, adaptando alguns desenhos a outras situações!

Por causa das grandes dificuldades, a revista teve pavio curto, durando apenas cinco números editados no mesmo ano.

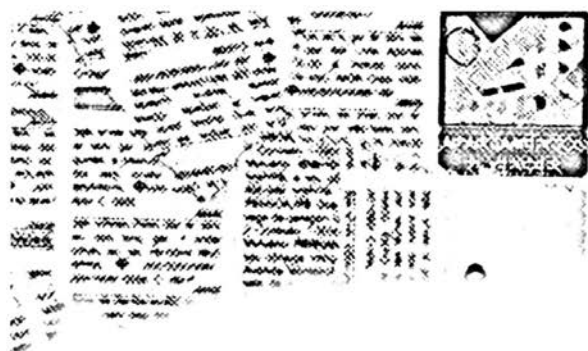
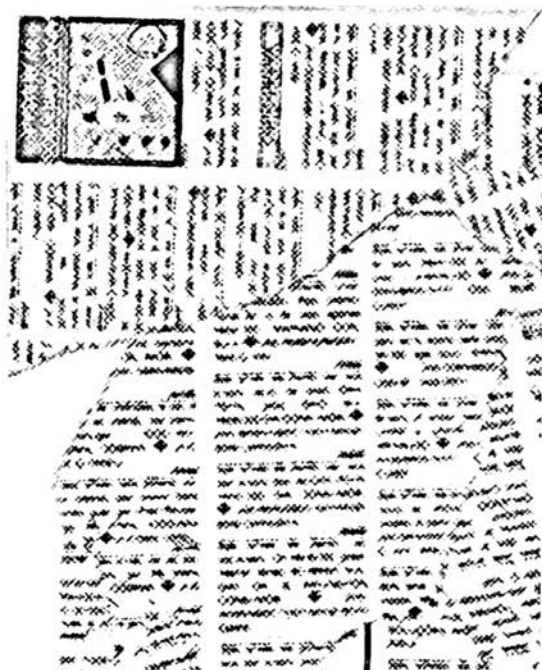
Deodato foi para Recife, onde passou a dirigir a Rádio Clube de Pernambuco e onde o Flama passou a atuar, apenas como novela radiofônica, devido ao tempo escasso do autor.



Apesar do Flama se apagar naqueles anos de 1960, sua legião de fãs perdura até hoje...

...com direito a identificação de Agente Secreto!





3: O Prisioneiro da Quarta Dimensão

• 1111111111 • 1111111111 • 1111111111 • 1111111111 • 1111111111



Para que um desenho se aproxime da realidade é preciso ter uma noção de sua área espacial, que consiste em três dimensões:

Comprimento, largura e altura.

Essas dimensões podem muito bem ser relacionadas, por exemplo, a uma cela na qual um meliante pensa em uma única meta:

Conquistar a liberdade.

Escapar.



Todas as conversas e entrevistas que realizei com Deodato Borges Filho foram via telefone. O tempo de entrega dos desenhos para as editoras norte-americanas sempre era escasso.

Tudo bem, Deodato?

Atrasado! Sempre atrasado!

Deodato nasceu no mesmo ano que seu pai pariu a revista em quadrinhos do Flama. Quando criança era tímido e caseiro.

O que queria ser quando crescer?

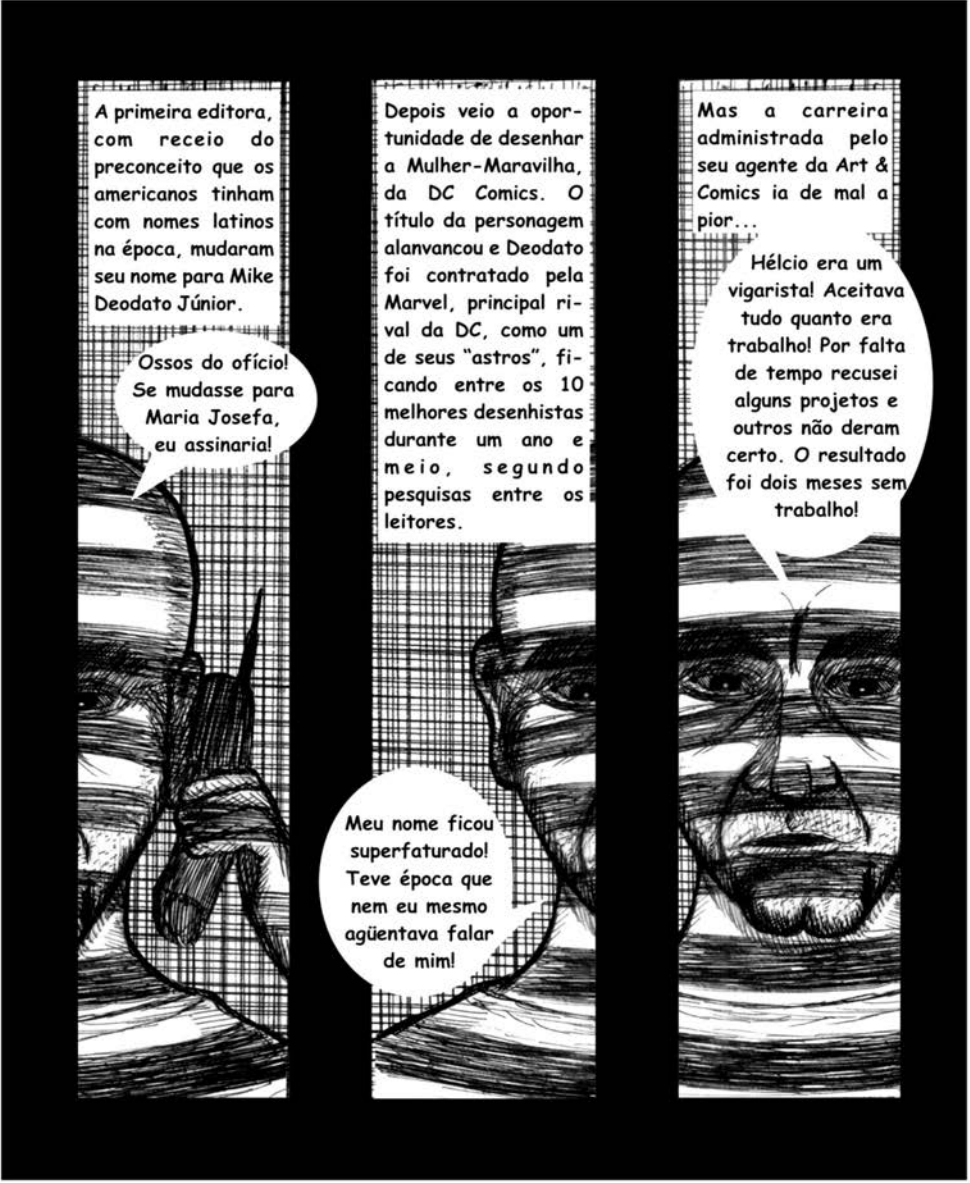
Só se lembra da resposta quando tinha dez anos:

Desenhista de HQs.

Na década de 1980 começou a desenhar para fanzines e editoras pequenas. Com seu pai no argumento, ilustrou A História da Paraíba em Quadrinhos, primeiro trabalho profissional, e a ficção 3000 Anos Depois.

Passou três anos como diagramador e ilustrador dos principais jornais da capital.

Através de Hércio de Carvalho, da Art & Comics, comecei a desenhar para os EUA, no começo dos anos 90!



A primeira editora, com receio do preconceito que os americanos tinham com nomes latinos na época, mudaram seu nome para Mike Deodato Júnior.

Ossos do ofício!
Se mudasse para Maria Josefa, eu assinaria!

Depois veio a oportunidade de desenhar a Mulher-Maravilha, da DC Comics. O título da personagem alavancou e Deodato foi contratado pela Marvel, principal rival da DC, como um de seus "astros", ficando entre os 10 melhores desenhistas durante um ano e meio, segundo pesquisas entre os leitores.

Meu nome ficou superfaturado! Teve época que nem eu mesmo agüentava falar de mim!

Mas a carreira administrada pelo seu agente da Art & Comics ia de mal a pior...

Hélcio era um vigarista! Aceitava tudo quanto era trabalho! Por falta de tempo recusei alguns projetos e outros não deram certo. O resultado foi dois meses sem trabalho!

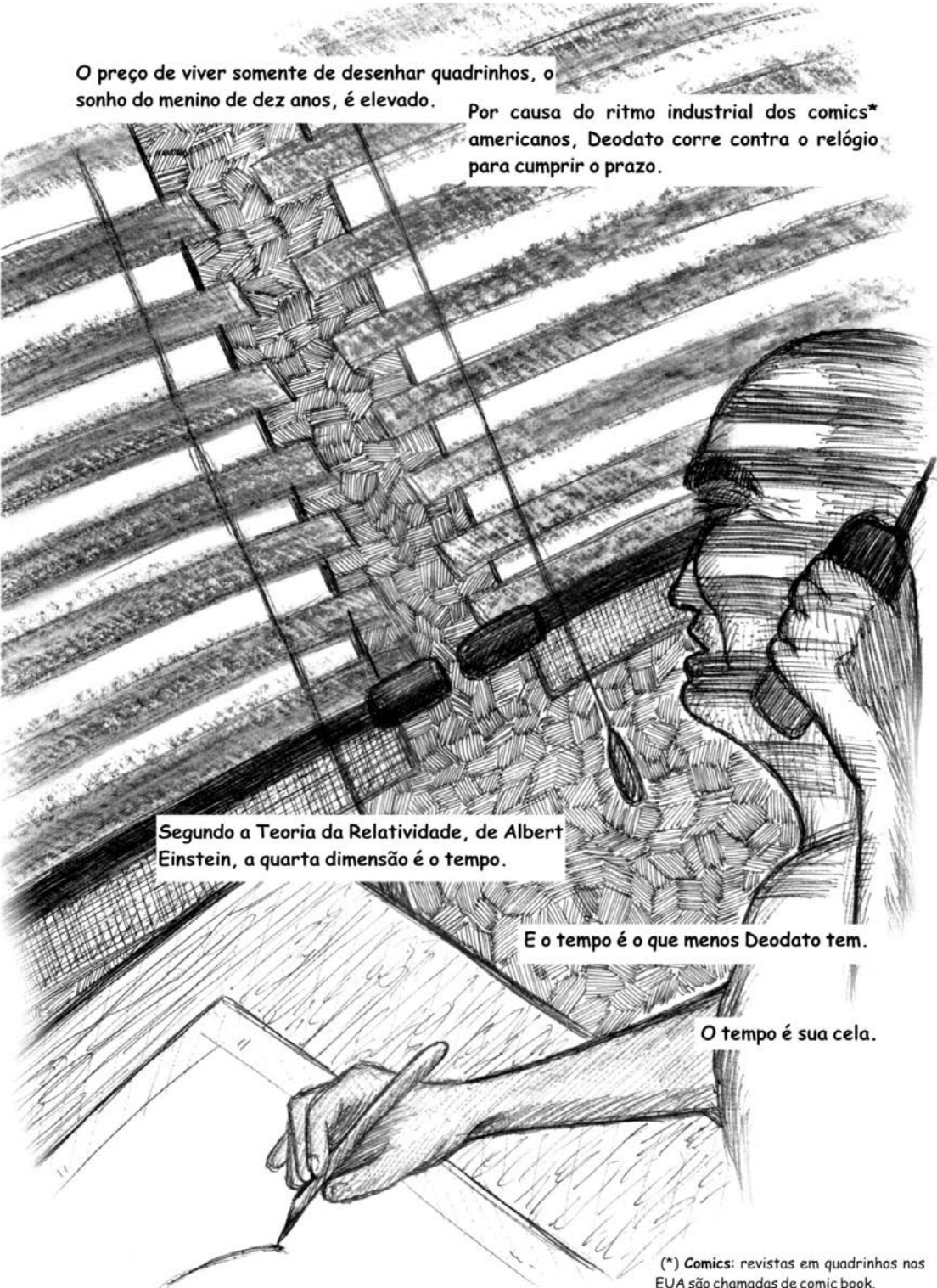
Então houve um amadurecimento do traço de Deodato, que voltou às origens do expressionismo e adicionou referências da fotografia e do cinema para a narração gráfica. Com o lápis mais aprimorado, apostou todas as fichas nas Bruxas ("Witches", no original), da Marvel.

Mas a "volta" de Dedato não aconteceu! "Witches" foi para a gaveta!

As bruxas andavam soltas!

Com novo agente, o americano David Campiti, Deodato conseguiu trabalhar no título do Hulk para a Marvel, no mesmo ano em que o personagem era lançado no cinema.

Volta adiada, mas não desperdiçada.



O preço de viver somente de desenhar quadrinhos, o sonho do menino de dez anos, é elevado.

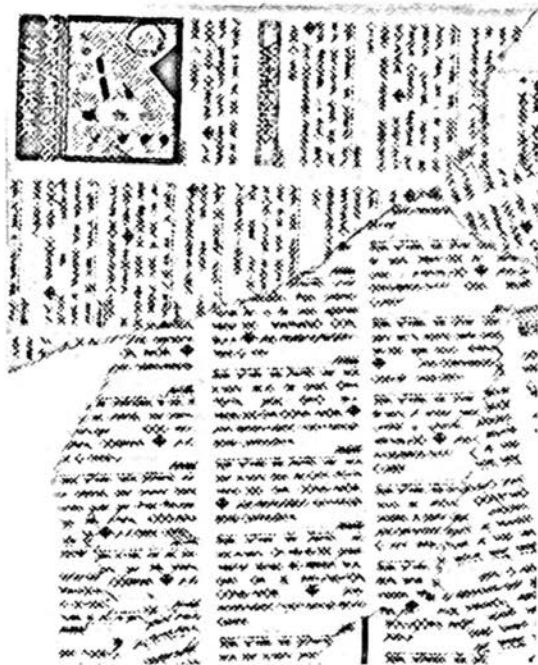
Por causa do ritmo industrial dos comics* americanos, Deodato corre contra o relógio para cumprir o prazo.

Segundo a Teoria da Relatividade, de Albert Einstein, a quarta dimensão é o tempo.

E o tempo é o que menos Deodato tem.

O tempo é sua cela.

(* Comics: revistas em quadrinhos nos EUA são chamadas de comic book.



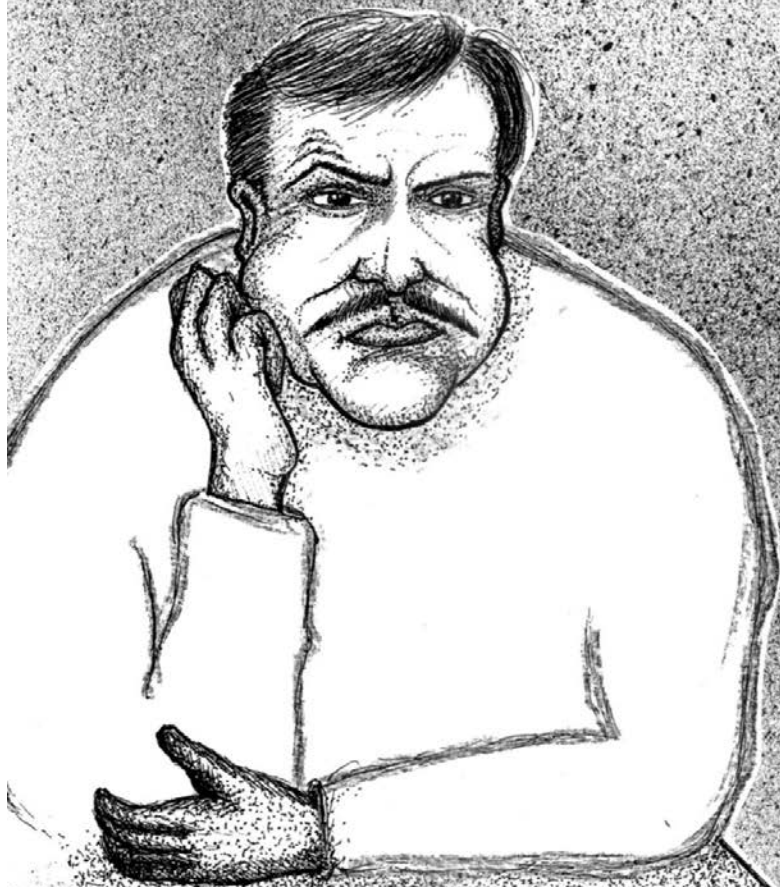
4: Ninguém Pensa nos Sentimentos da Volta



Em 1973, o jovem Emir Ribeiro editava o jornal do colégio em que estudava.

Aproveitou a oportunidade para lançar uma HQ protagonizada por uma mulher de longos cabelos louros, com mais de dois metros de altura, chamada Welta, que depois passou a se chamar Velta, dez anos mais tarde...

Nos anos 1970, a personagem foi publicada nos suplementos O Pirralho, O Norte em Quadrinhos e em fanzines de todo o país.




Resumo da ópera:

Adolescente encontra extraterrestre durante acampamento no colegial. O ser de outro mundo usa a garota como cobaia de experiência científica, transformando-a numa mulher enorme, capaz de irradiar energia em forma de rajadas.

Resumo do resumo:

Volta não passa de um amontoado de clichês do gênero super-herói americano.





Emir criou outros personagens, como o Homem de Preto, uma espécie de Batman de João Pessoa, que protagonizou também duas produções em vídeo duvidosas.

O índio Itabira, em parceria com seu pai, Emirson, sendo uma imagem decalcada de Conan, personagem criado por Robert E. Howard.

E, entre outros, Nova, mulher cibernética, cuja inspiração parece vir do seriado televisivo (e norte-americano) O Homem de Seis Milhões de Dólares.

Será que nenhum dos principais personagens de Emir Ribeiro não têm raiz na terra do Tio Sam?

Recentemente foi lançado um álbum "comemorando" o trigéssimo aniversário da pretensa "musa" dos quadrinhos nacionais, pela editora Ópera Graphica.

Franco de Rosa, diretor da editora, afirma que hoje em dia Emir tem uma conotação voltada à crítica social, dominando como poucos a arte de criar e conduzir roteiros*.

É a mesma coisa que comparar Paulo Coelho com Machado de Assis!

Paradoxalmente, Emir Ribeiro é um ufanista que tem estilo e técnica basicamente de influência dos comics americanos.

Diálogos pífios, roteiros ralos, noção de anatomia/perspectiva irregular (para sua proposta) e uma narrativa gráfica que já se encontra ultrapassada nos EUA, onde publicou vários trabalhos ao lado do "Mike" Deodato.

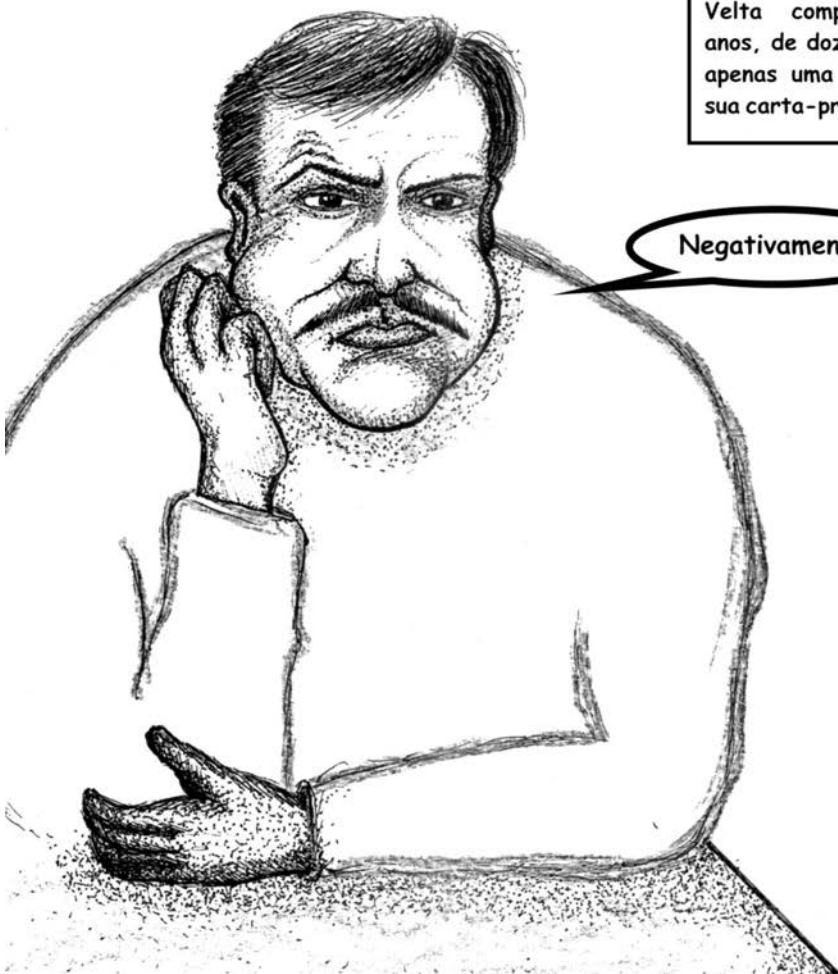
(* Velta, Graphic Talents nº 12 (editora Escala, 2003)

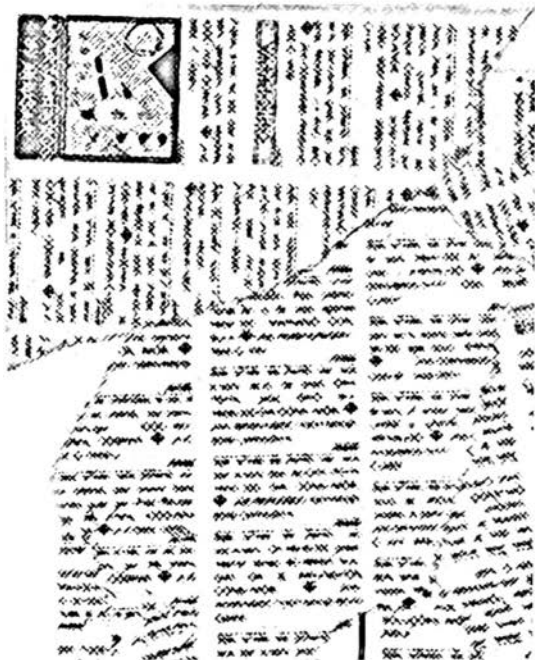
EMIR RIBEIRO

Mas, entre índios anabolizados e loiras com cara de modelo/atriz e seios que desafiam a lei da gravidade, uma qualidade é certa:

Emir Ribeiro tem força de vontade e persistência fora do comum. Enfrenta qualquer obstáculo para ver seu material impresso, mesmo que saia de modo independente ou por leis municipais de incentivo à cultura.

Mesmo que, quando Velta completou 25 anos, de doze editoras apenas uma respondeu sua carta-projeto...





5: O Marginal Pornográfico



Pergunto a Shiko se ele recorda quando falou que queria ser famoso, ganhar muito dinheiro e comer muita mulher.



Eu falei isso?!?!?! Não! Eu jamais faria um comentário machista desses!

Shiko.

Francisco José de Souto
Leite na pia batismal...

Na verdade, sou paixão...

Natural de Patos, interior
da Paraíba. Aprendeu a ler
com a literatura de cordel
do avô.

Eu lia pro irmão do meu
avô, quando ficou cego...

Autodidata, começou a
publicar suas histórias em
quadrinhos de forma inde-
pendente, no começo de
1997.

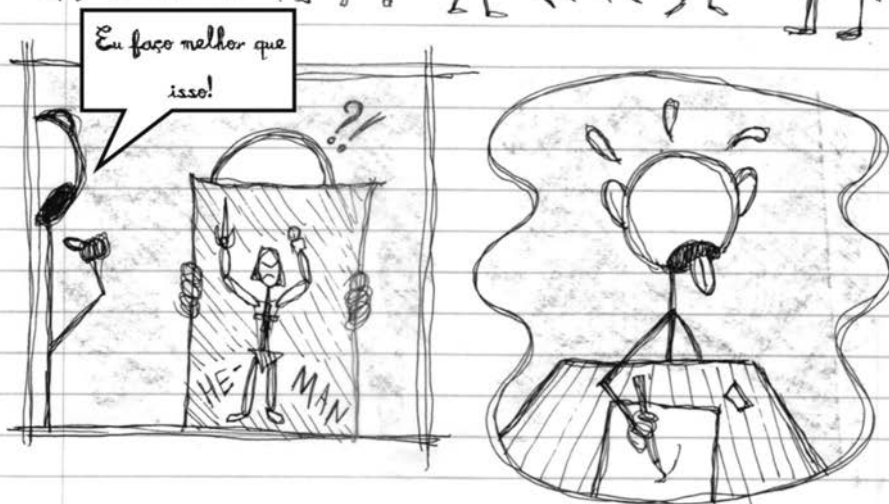
Quando falo de sua metamorfose física...

Metamorfose física?! Você nunca
se cansou de ser você mesmo? Eu
me lembro quando deixei meu
cabelo crescer e me apelidaram de
"mulher de Reginaldo Rossi!"

As pessoas acham que sou o maior
deitado do mundo, mas na verdade
sou muito tímido!

"Desde pequeno..."

"Quando era 'boy', sempre passei despercebido. Quando fazia a quarta série um menino fez um desenho do He-man..."



"Naquele momento eu era alguém! Tinha feito alguma coisa importante!"

Shiko passou um ano e meio na capital do país, trabalhando no ramo publicitário. Foi nesse período que deixou de assinar "Chico" nos seus trabalhos, pois já tinha um desenhista na empresa que assinava assim.



Mais tarde descobriu em um mangá* que shiko é a área de alcance da espada do samurai.



De Brasília foi parar em João Pessoa, onde continua a lançar o fanzine que nasceu em Patos, o Marginal, e ganha dinheiro com produções aerográficas.

(* Mangá: quadrinhos produzidos no Japão)

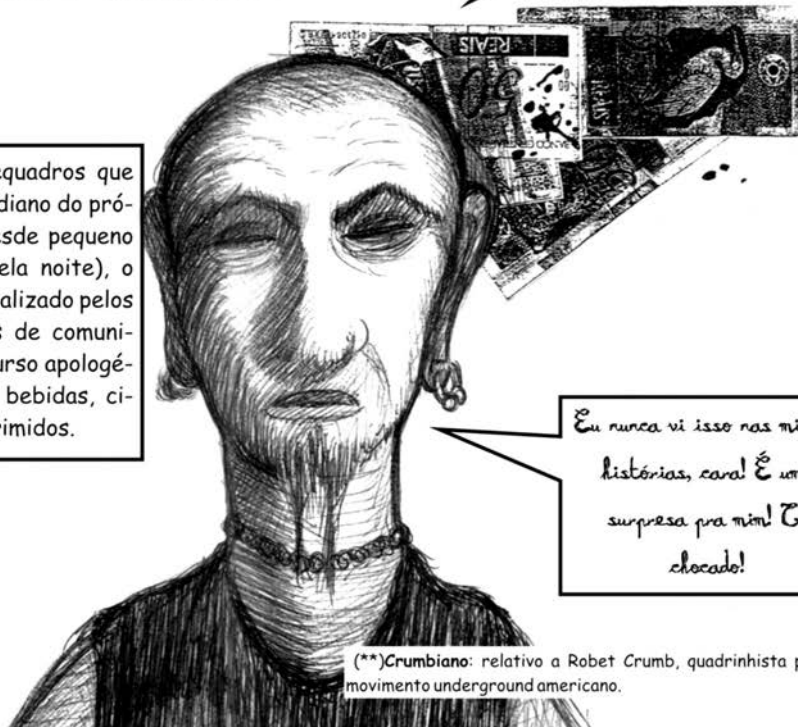
A diferença nos quadrinhos de Shiko para os demais se concentra na qualidade do texto. Adaptou para as HQs poemas de Augusto dos Anjos, peça teatral de Camus e contos de Papini. O seu traço é uma mistura dos quadrinhos europeus, estilo japonês e do alternativo americano.

O projeto mais ambicioso que Shiko realiza se chama Blue Note, com co-argumentação de Severino "Bio" Ramos, amigo e farmacêutico. A novela gráfica trata do diabo, do sexo, das drogas, do blues no melhor estilo crumbiano**, e Deus, que frequenta um bar.



De Deus quisesse me encontrar,
seria num bar!

E é nos entrequadros que aparece o cotidiano do próprio Shiko (desde pequeno troca o dia pela noite), o mundo marginalizado pelos grandes meios de comunicação e o discurso apologético regado a bebidas, cigarros e comprimidos.



Eu nunca vi isso nas minhas
histórias, cara! É uma
surpresa pra mim! Tô
chocado!

(**)Crumbiano: relativo a Robert Crumb, quadrinhista pai do movimento underground americano.

No ano de 2000, Shiko participou de um projeto chamado A União em Quadrinhos, junto com Deodato, Emir Ribeiro e o estúdio Made in PB.

O jornal A União cancelou o projeto porque em uma das minhas histórias um cara aparecia nu e falava em "trepar"! Foi a maior polêmica! Até o editor colocou o cargo à disposição por causa disso!



Até Emir Ribeiro escreveu para o fanzine QI - Quadrinhos Independentes, falando que o projeto foi cancelado porque um "tal" de Shiko colocou cenas de sexo.

Ele já disse que eu costumo apelar nos meus quadrinhos! É muito engraçado vindo de um cara que faz uma história como Adrián, a hermafrodita, onde "meu ônus pulsa de prazer!"



Dabe, é muito legal fazer história de putaria, mas com um argumento desses... muito Carlos Zéfiro^{***}, saca? Foi por causa da Adrián que criei "Ninguém Pensa nos Sentimentos da Barbie", sobre uma boneca inflável que relata seus anseios, querendo sair daquela situação de objeto de prazer dos outros! Uma putaria com profundidade! (Risos)



(***) Zéfiro: famoso quadrinhista pornográfico de linguagem chula, autor dos chamados "catecismos".

- E por que você não tem RG ou título de eleitor? É um símbolo da sua ideologia de se manter à margem?

- Não, é pura preguiça mesmo! Ficar tentando dar uma explicação cabeça é coisa de preguiçoso!

- E a falta de memória?

- Pois é... muitas pessoas se aproveitam disso!

- Falta à própria exposição, deixa de pagar o cafezinho no Espaço Cultural...

- Essa última aí eu não me lembro!

- Deve ser a vida boêmia, a bebida...

- Olha... eu bebo a noite toda e nenhum dos meus amigos me viu bebado!

- E o futuro?

- Terminando *Blue Note*, vou fazer um álbum porno. É isso: fazer HQ de putaria pro resto da minha vida! Ser pornógrafo, mas com penetração de conteúdo!





6: Das Tiras, Coração



Ele pode ter uma voz calma e compassada, mas na minha cabeça o que aparece é uma única afirmação:

Henrique Magalhães é um louco!



Abandonou o curso de arquitetura para fazer jornalismo. Fez Mestrado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Doutorado na Universidade Paris VII, ambos dirigidos a quê?



Fanzines de Histórias em Quadrinhos!



Em 1975, plena Ditadura Militar, criou Maria, personagem que passou pelos principais jornais do Estado, ganhou revista e até álbum próprio.

Seu humor era influenciado pelo contexto político e pelos quadrinhos de Henfil. Com o passar dos anos, Maria foi mudando seu humor, de temas e fatos políticos da época, assemelhando-se à charge, ao de costumes e modos, com um caráter mais atemporal.

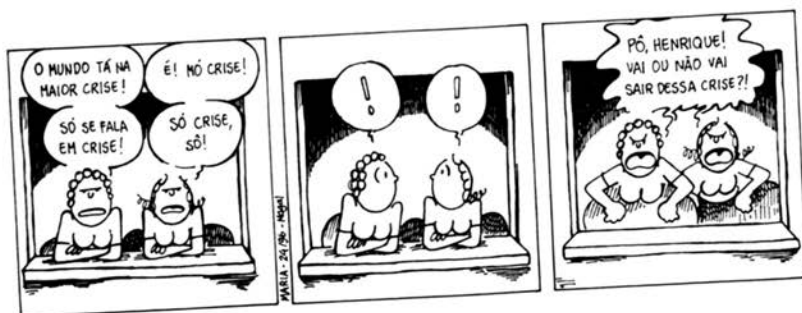
Mas Maria por vezes era uma cópia dos outros:



Uma dúvida:



E até uma crise de criatividade:

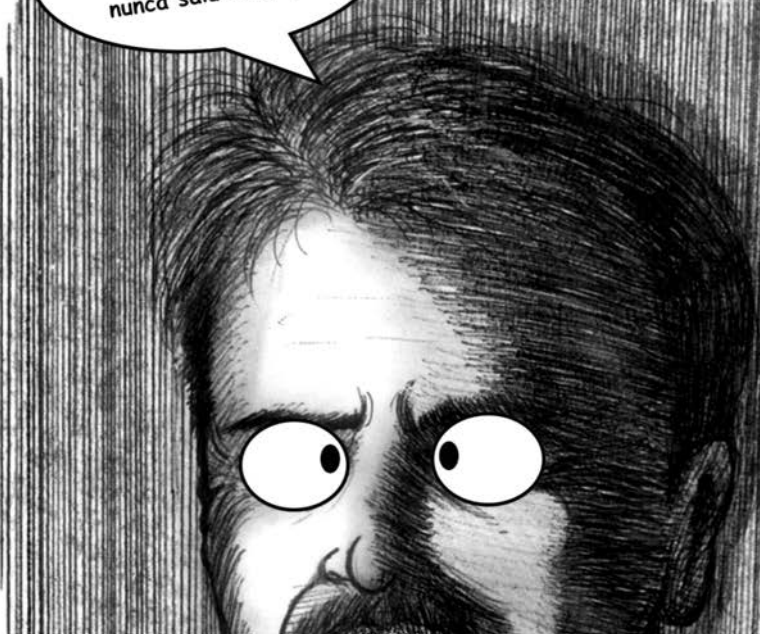


Nota-se que seu humor é mais voltado ao textual do que ao gráfico.



Mas voltando a insanidade do autor em questão, em 1984 Henrique editou a *Leve Metal*, encarte da publicação cultural *Presença Literária*, inspirada na *Metal Hurlant* francesa e *Heavy Metal* americana. A revista proporcionou a criação da Associação de Quadrinhos Paraibanos, entidade que serviu para reivindicar e defender os interesses dos quadrinhistas nos espaços dos jornais diários, bem como divulgar e arquivar a produção.

Na verdade é tudo muito bonito, mas a associação nunca saiu do papel!

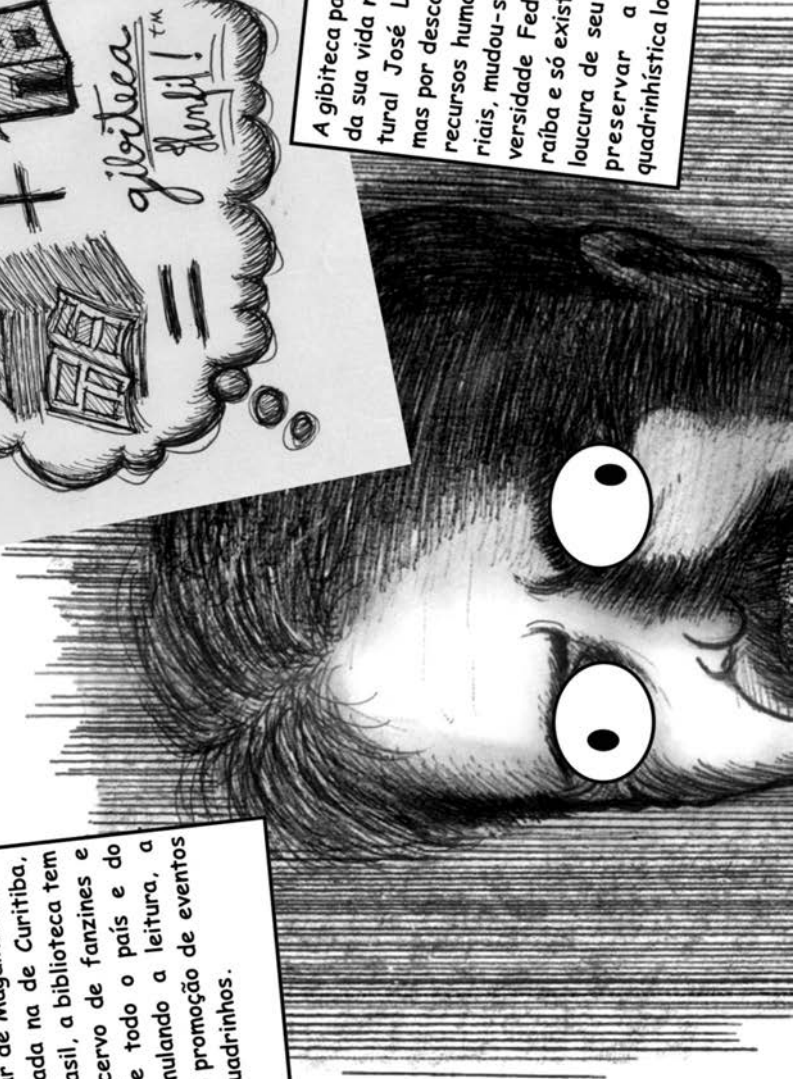


O que seria de um louco sem um lugar para ficar?

Em 1990, a Gibiteca Henfil, manicomio particular de Magalhães, foi criada. Inspirada na de Curitiba, pioneira no Brasil, a biblioteca tem um grande acervo de fanzines e quadrinhos de todo o país e do mundo, estimulando a leitura, a pesquisa e a promoção de eventos ligados aos quadrinhos.

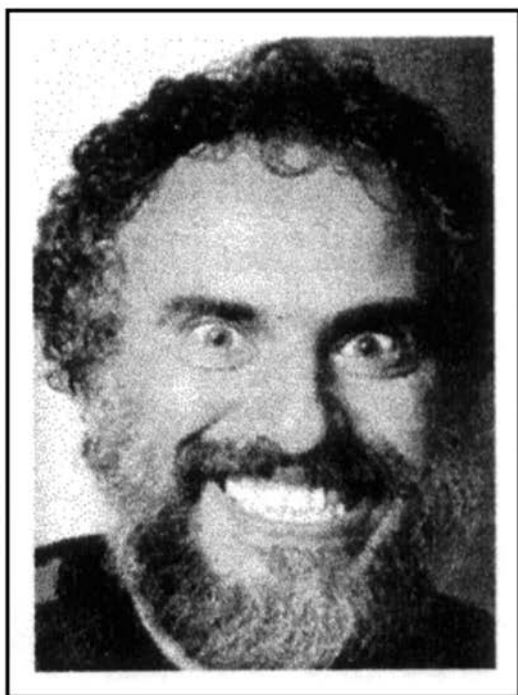


A gibiteca passou boa parte da sua vida no Espaço Cultural José Lins do Rego, mas por descaso e falta de recursos humanos e materiais, mudou-se para a Universidade Federal da Paraíba e só existe ainda pela loucura de seu criador em preservar a memória quadrinhistica local.



Enfim, quem foi Henfil?

O mineiro Henrique de Souza Filho iniciou sua carreira jornalística no final dos anos 1950. Foi um dos principais desenhistas do jornal *O Pasquim*.



Em 1970 lançou a revista *O Fradim*, com seus personagens mais famosos. Henfil tinha um desenho humorístico, crítico e satírico, com personagens tipicamente brasileiros e que retratavam a situação nacional da época. A ave da caatinga Graúna, o cangaceiro Capitão Zeferino e o bode intelectual Francisco Orelana são alguns de seus personagens que trouxeram uma renovação a esse tipo de humor.



Henfil ainda atuou em teatro, cinema, televisão e literatura, marcando sua constante atuação nos movimentos políticos e sociais. Era hemofílico, contraiu AIDS numa transfusão de sangue, como seu irmão, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.



A cartunista deixou uma lacuna em 1988, morrendo aos 43 anos, no Rio de Janeiro.



Voltando mais uma vez nas entranhas da loucura, Henrique criou sua própria editora independente, em 1995, chamada Marca de Fantasia.

Publica ensaios (Quiosque), HQs poéticas (Mandala), revistas em quadrinhos (Maria, Corisco), coletâneas (Das Tiras, Coração) e muitas outras publicações, com um detalhe:

Ele mesmo as confecciona, cortando pacientemente página por página e encadernando manualmente!



Louco, certamente!

O destaque da editora vai para Top! Top!, o fanzine que ganhou o renomado Troféu HQ Mix de 2002 como melhor independente. A revista, que se encontra na 17ª edição, apresenta entrevistas, resenhas, artigos e, claro, HQs.



O título é uma outra homenagem a Henfil: "Top! Top!" é o som do gesto que faz o Frade Baixim.

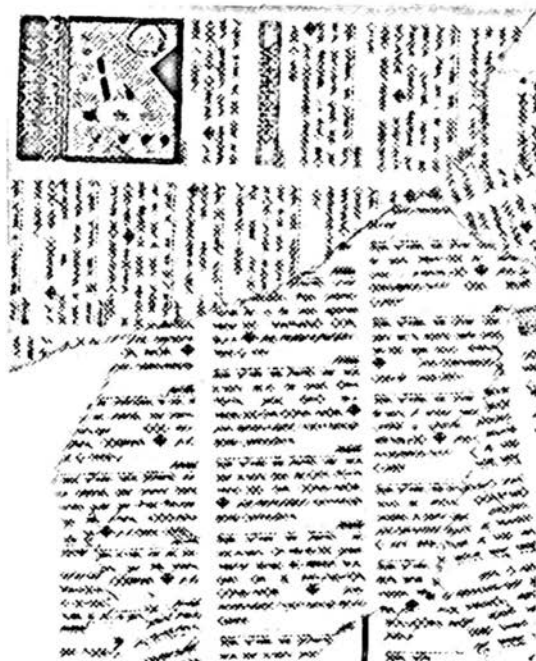
De todos os quadrinhistas paraibanos, Henrique é o que mais persiste na loucura de publicar não apenas seu trabalho, mas o de muitos outros autores do Brasil, de Portugal e até da França, que são totalmente desconhecidos por aqui.

Apesar de não desenhar mais!

Pode colocar no seu gibi que eu não sei desenhar!

Na minha cabeça, Henrique Magalhães é um louco!

E todos os loucos por quadrinhos agradecem!




7: "Ôxente, Uncle Sam!"

• 11111111 • XXXX • 00000000 • 00 • 00



Espaço Cultural José Lins do Rego.

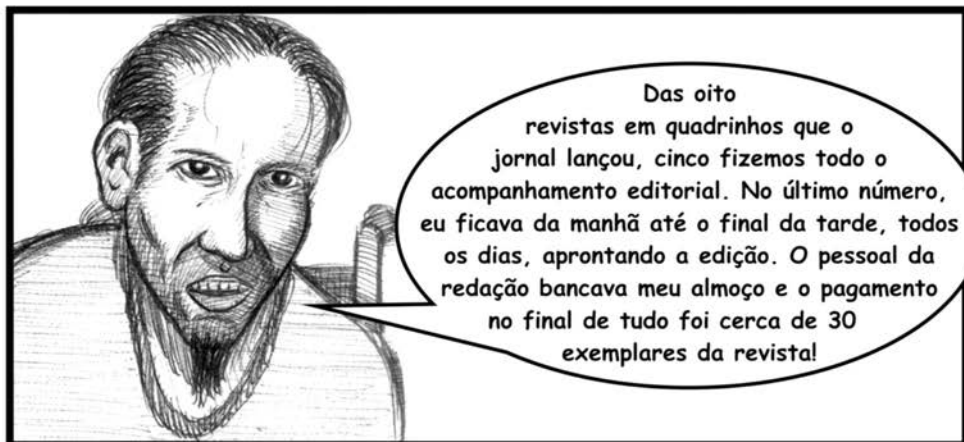
Empurrando pela rampa IV a cadeira de rodas de Janún-cio Neto, roteirista e criador do Made in PB, percebi da pior maneira que a subida era mais íngreme do que aparentava...



Como tá tua pressão?

Boa! 12 por 8!
Verifiquei ontem!

O Made in PB é um estúdio para produzir HQs de jovens que não tinham como ou onde publicá-las. Em 1998, lançaram seu primeiro fanzine, que, dois anos mais tarde, caiu nas mãos do jornal A União por intermédio de Henrique Magalhães, já que os jovens freqüentavam a Gibiteca Henfil.



Das oito revistas em quadrinhos que o jornal lançou, cinco fizemos todo o acompanhamento editorial. No último número, eu ficava da manhã até o final da tarde, todos os dias, aprontando a edição. O pessoal da redação bancava meu almoço e o pagamento no final de tudo foi cerca de 30 exemplares da revista!



No começo, o grupo era totalmente voltado ao seu padrinho, Deodato Filho. Os garotos sonhavam todos os dias em seguir os passos do "mestre" e entrar no "paraíso" do mercado industrial norte-americano de HQs.

Segundo Janúncio, a nova formação é mais madura, observando que o caminho de São Deodato é apenas um dos possíveis.

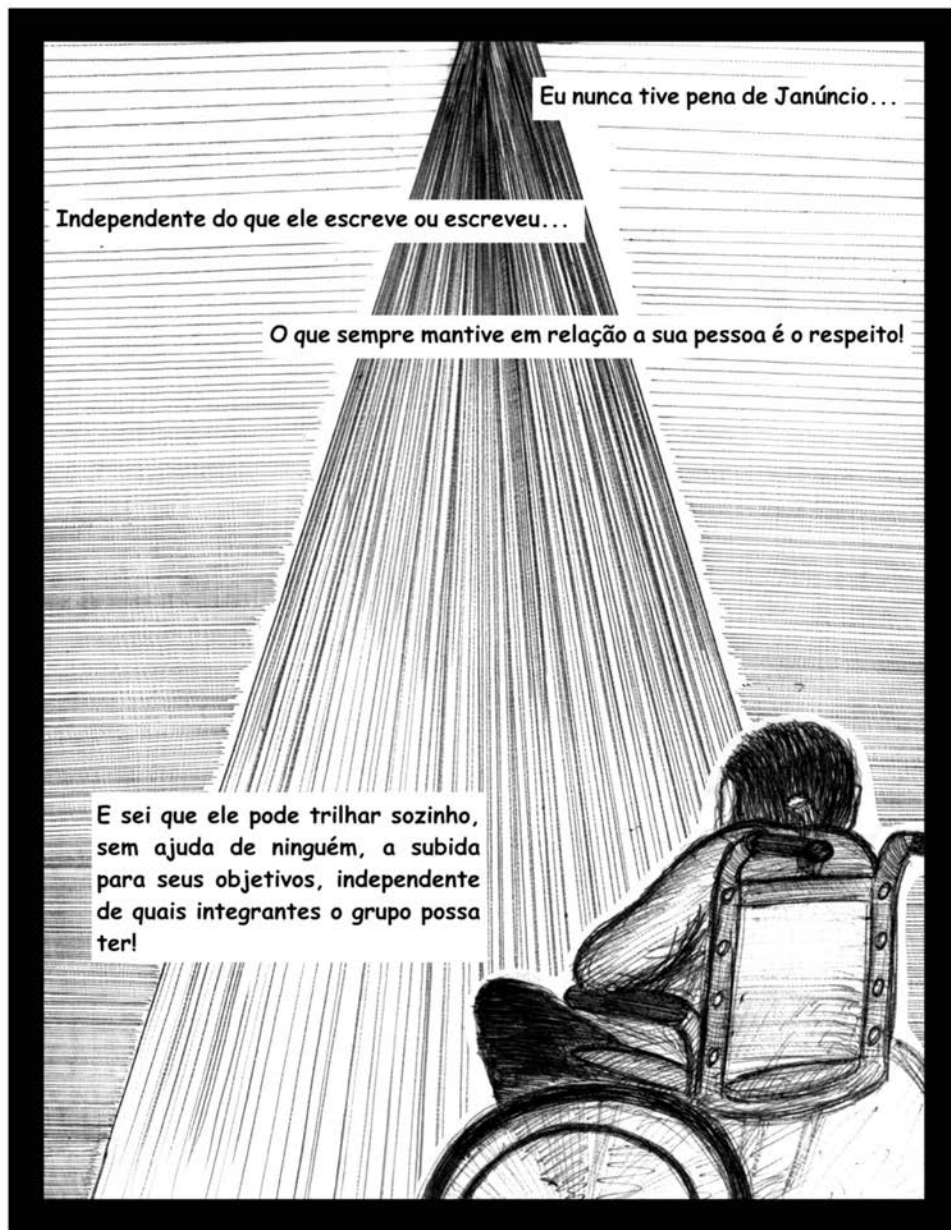
Tombar muitas vezes da cama, como Little Nemo*, talvez resulte neste possível amadurecimento de ideal, porém o tipo de histórias e os estilos artísticos ainda são o de super-herói-anabolizado-que-salva-o-mundo ou coisa do gênero made in USA!

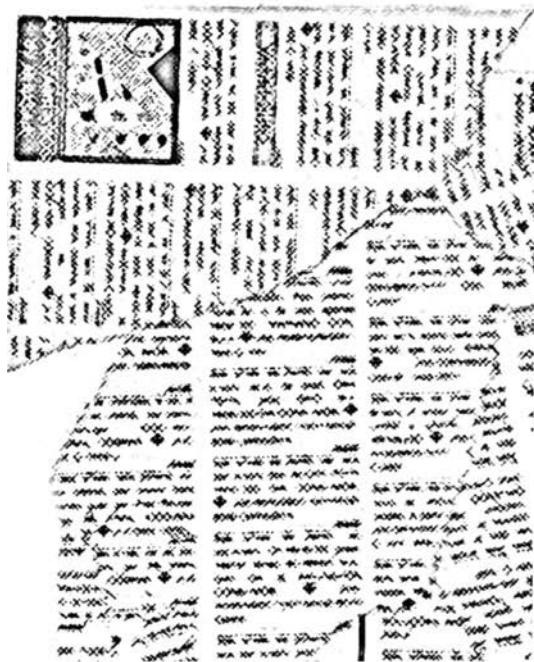
Quatro dos nove integrantes atuais do grupo ministram um curso sobre roteiro e desenho, com duração de um semestre, no Espaço Cultural.



(*) Famoso personagem norte-americano criado por Winsor McCay, em 1905, que sempre acordava dos sonhos tombando da cama.

Entre editoras independentes do sul que perdem o interesse no material até integrantes que se desamalgamam da equipe por motivos de tempo e dinheiro, Janúncio Neto, o mais destacável destes jovens, corre atrás de patrocínios para exposições e lançamentos de suas histórias...





8: Água que Passarinho Não Bebe



Cristovam Tadeu carimba a versatilidade no seu humor. Já atuou em vários veículos de comunicação, como rádio, teatro, televisão e shows humorísticos, como o Fino do Riso. Mas são nas páginas de jornais e revistas, com suas charges e tiras, que Cristovam mostra seu leque de humor refinado.

Faz uso com grande habilidade da metalinguagem em um de seus personagens prediletos, criado no início dos anos 1980: o Lampirão!

?!?

...

Lampirão? Cadê você? É a sua "deixa"!

Êpa! O que tá acontecendo aqui? Quem é você? Tudo bem que cheguei atrasado, mas sai que o espaço é meu!

Se é pra falar do homem eu sou o mais indicado!

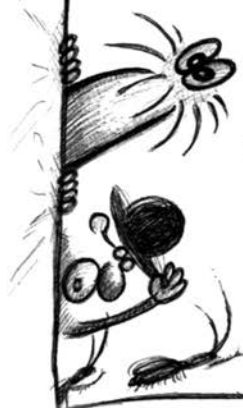


No estilo, Cristovam Tadeu tem influência de dois mestres dos quadrinhos de humor nacional: Henfil e Laerte!



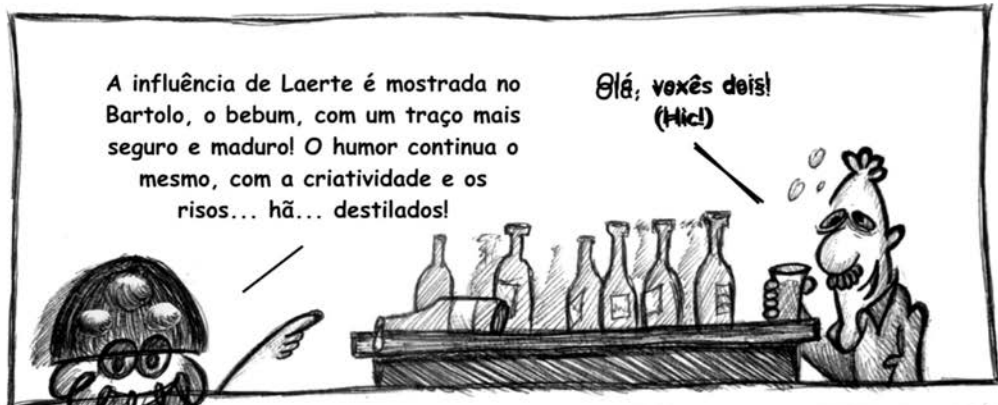
De Henfil, Tadeu herdou o traço nervoso e ligeiro! Lampirão - esse que vos fala! - lembra muito Zeferino, personagem do cartunista! (Embora não ache!)

Cristovam criou diversos habitantes nas suas tiras de humor, como Ostradamus, o profeta; Herr Fróide, o psicanalista; e os Baratos Afins, todos publicados nos principais jornais paraibanos.



A influência de Laerte é mostrada no Bartolo, o bebum, com um traço mais seguro e maduro! O humor continua o mesmo, com a criatividade e os risos... hã... destilados!

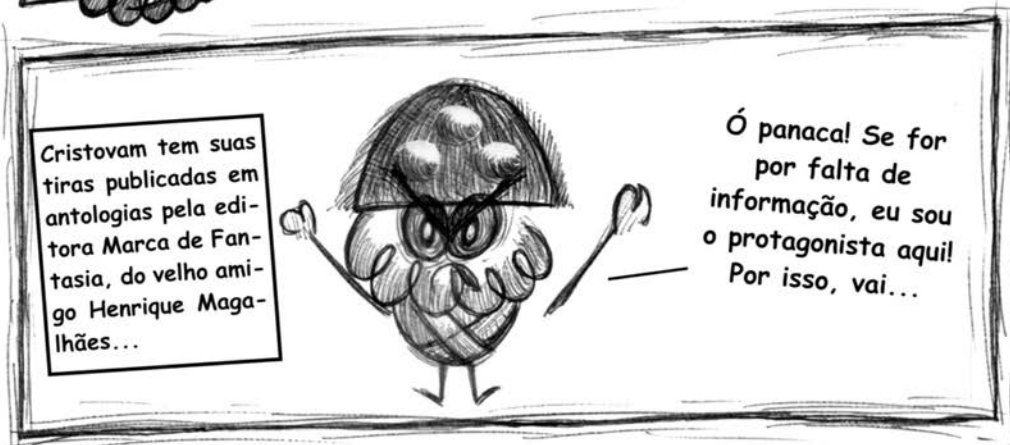
Olá, vovês deis!
(Hic!)



Cristovam tem suas tiras publicadas em antologias pela editora Marca de Fantasia, do velho amigo Henrique Magalhães...



Ó panaca! Se for por falta de informação, eu sou o protagonista aqui! Por isso, vai...



Ei!!! O quê?!?!
Você não...

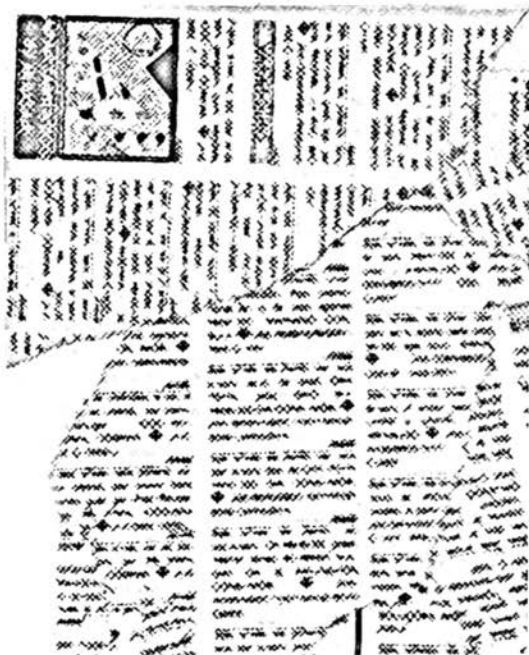
Continuando...

Certa vez, na casa de praia de Henrique...

Eu estou falando que os personagens são, na verdade, o reflexo de seus criadores!... Emir é Velta! Eu sou Maria! (...)







9: Embalagem de Peixe

Extra! Extra!

Renovação nos quadrinhos com o Jornal Edição Extra

Quando o Flama se apagou ainda no ano de 1963, os quadrinhos paraibanos viveram um ostracismo de quase uma década.

Em 1971, se o jornal alternativo Edição Extra não tivesse surgido, conseqüentemente não existiria a Bat-Madame, personagem criada por Anco Márcio no texto e Luzardo Alves nos desenhos.

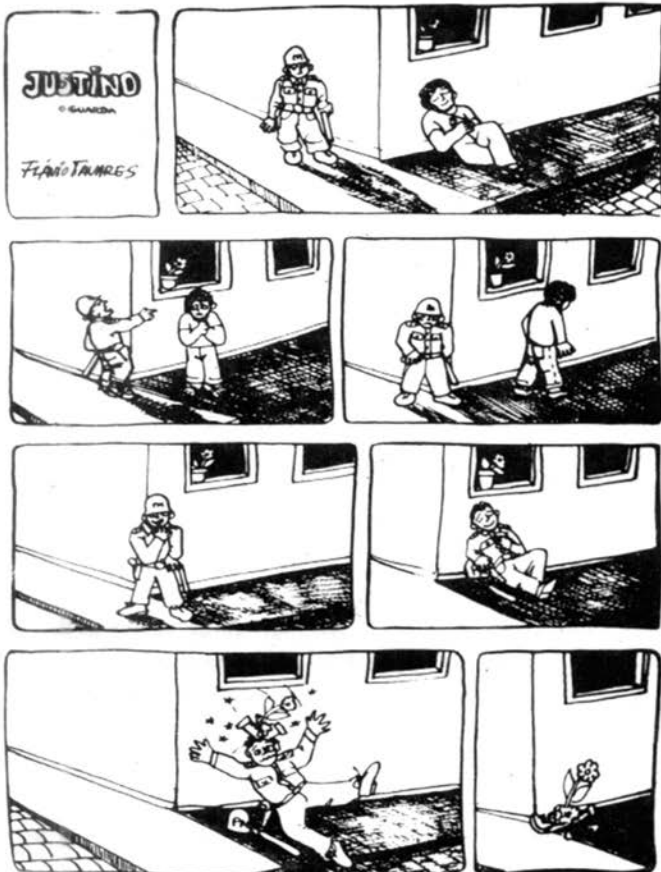
Bat-Madame era uma paródia ao famigerado personagem da DC Comics, Batman, criado por Bob Kane em 1939. A sátira social, o traço caricatural, a diagramação relaxada e a metalinguagem estavam presentes nas aventuras da personagem.

Além da Bat-Madame, o periódico abrigou Adão e Eva no Paraíso, de Luzardo, e Justino, o guarda, de Flávio Tavares.

Inspirado no Pasquim, jornal que tratava com ironia, crítica e humor os acontecimentos políticos e sociais brasileiros, Edição Extra foi o primeiro a ser impresso em off set no Estado. Apesar da boa circulação na capital, o jornal veio a fechar por falta de incentivo financeiro da publicidade.



Bat-Madame: criação de Anco Márcio e Luzardo Alves para o Edição Extra



Justino: crítica social de Flávio Tavares



Norteando os Quadrinhos

Suplemento é novo abrigo para quadrinhistas

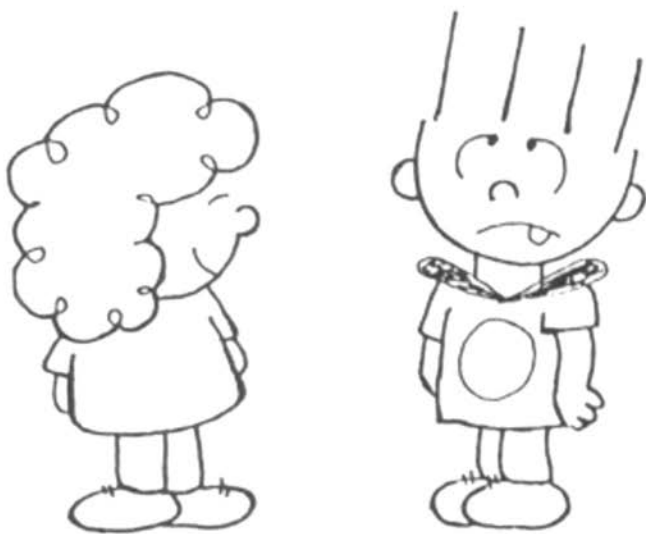
Em 1973, dotado de um avançado maquinário rotativo em off set, o jornal O Norte publicava suas primeiras tiras diárias.

Eram HQs de Mauricio de Sousa e mais três tiras produzidas aqui, graças aos esforços do diretor de arte do jornal, Deodato "Flama" Borges:

A dub, o camelo (acima), de Marcos Tavares e Juca.

O western Shangai, de Richard Muniz.

E O Planeta maluco, do próprio Deodato.



O Cuca, de Assis Vale

No ano seguinte, o mérito de Assis Vale, então com 13 anos, foi lançar a sua própria revista em quadrinhos infantil, intitulada O Cuca.

E só.

É até vergonhoso prolongar esse comentário e comparar, como fizeram na época, o personagem de Vale com Charlie Brown, de Schultz, Mafalda, de Quino ou até mesmo qualquer personagem do Mauricio de Sousa (incluindo a Dona Pedra do Bidu.)

Era de Ouro na Paraíba

Anos 1970 é a fase mais produtiva dos quadrinhos no Estado

Em 1975, A União lançava *O Conde*, um vampiro que refletia as neuroses de uma sociedade de consumo. Mais tarde, o traço original do seu criador, Tônio, casava-se com as palavras de Marcos Tenório.

No mesmo período, *O Norte* publicava o primeiro suplemento dominical de quadrinhos, onde personagens internacionais como Steve Canyon, Pafúncio e Marocas, Asterix e o Príncipe Valente eram impressos ao lado dos paraibanos *As Cobras*, de Marcos Nicolau, *Welta*, de Emir Ribeiro e *Maria*, de Henrique Magalhães.



Crítica à sociedade de consumo em *O Conde*, de Tônio e Marcos Tenório



Kay France, de Rejane Alves: jornalismo em quadrinhos?

Existiram muitos outros personagens em *O Norte* em Quadrinhos até seu cancelamento, em 1977, mas o que chama a atenção é uma solitária mulher no meio dos homens. Rejane Alves, com um desenho caricatural e estilizado, buscava a realidade como pano de fundo ao retratar a odisséia da nadadora paraibana que tentou atravessar o Canal da Mancha a nado, Kay France.

Seria um protótipo do que viria a ser o jornalismo em quadrinhos?

A União rodava no ano de 1976 O Pirralho, seu suplemento infantil, que resgatava para as crianças os contos de fada, poesia dos leitores, escolinha de arte, ressaltava as datas comemorativas, pasatempos e, claro, quadrinhos.

Através da acessibilidade dos jornalistas Barreto Neto e Wilma Wanda,

muitos quadrinhistas que tinham tiras publicadas em O Norte em Quadrinhos migravam para O Pirralho, como Emir e Henrique. O suplemento passou a ser o novo "abrigo" para as HQs da Paraíba.

O Pirralho não cresceu e encontrou seu fim quando os anos de 1970 também encontravam seu final.

Tarja Preta!

Os quadrinhos e a censura

Muitos anos atrás, antes de Shiko ser censurado pelo jornal A União, Henrique Magalhães e Emir Ribeiro também sofreram corte nas suas histórias.

Nos anos 1970, Velta foi censurada por tirar a calcinha e mostrar a [REDACTED] para distrair um bandido. Já a situação de Henrique Magalhães foi pior: muitas de suas tiras de Maria desapareciam, sem deixar vestígios, na redação de A União, além do texto ser alterado de vez em quando, tirando o sentido das histórias da personagem. A gota d'água foi uma série de seis tiras sobre a ocupação de terra durante o governo de Tarcísio Burity, acabando com a expulsão de Maria e seu autor do jornal.

E era nos tempos de "abertura" política...



Maria e suas amigas: censura e expulsão do jornal A União

Fim de uma Era

O que é visto nessa grande quantidade de produção é o papel fundamental dos jornais na época.

Apesar da modernização dos parques gráficos, graças ao incentivo do passageiro "milagre" econômico brasileiro, a existência dos suplementos dependia da linha editorial dos jornais, que mudavam de tempos em tempos.

Mais tarde, a "crise do papel", seqüela do "milagre", assolava os jornais, obrigando-os a reduzir a quantidade de páginas. E adivinhem quais eram cortadas...

Vale lembrar que os autores não eram remunerados, com exceção da A União, que fazia uma "contribuição" para os quadri-nhistas comprarem pelo menos o material, além de não se preocupar em vender para sobreviver, já que era (e ainda é) um jornal estatal.

Muitos faziam seus quadrinhos no tempo livre e muitos trabalhavam na própria redação exercendo outra função. O ritmo de produção das tiras diárias consistia em criatividade contra o relógio.

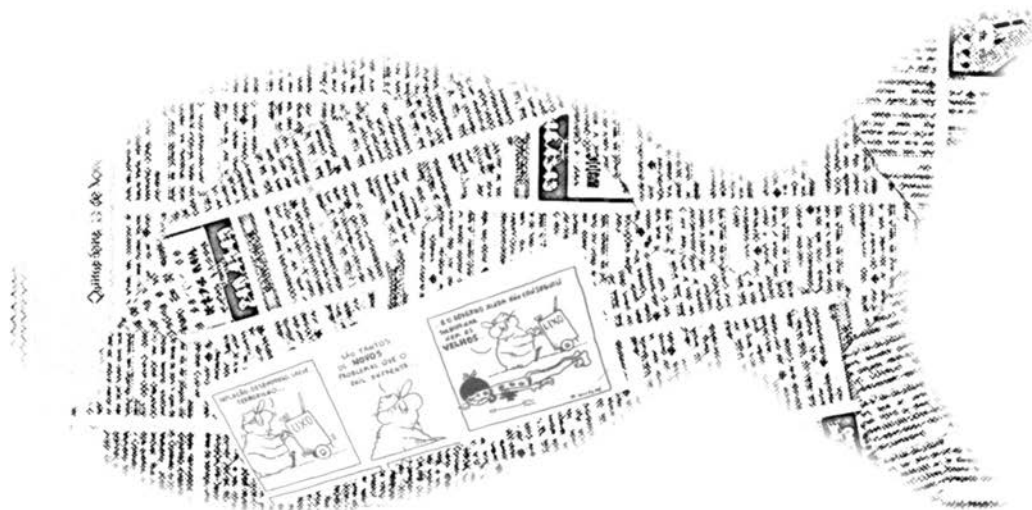
A maioria dos criadores

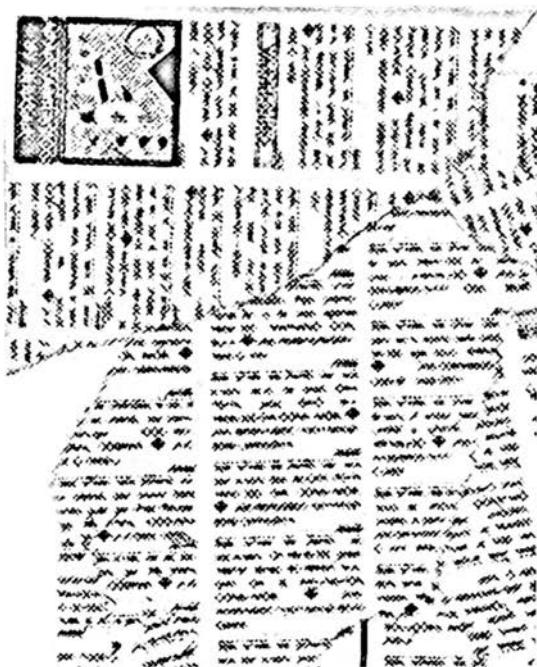
na "era de ouro" dos quadrinhos paraibanos eram jovens, que se preocupavam mais com a satisfação de ver seus trabalhos serem publicados na região.

E muitos cresceram para se tornar outra coisa na vida.

Quanto aos personagens, quase todos acabaram no esquecimento, virando embalagem pra peixe no dia seguinte ou sendo devorados por traças nos anos que se seguiam.

Infelizmente.





10: Enquanto Isso...

Deodato atualmente continua se chamando Mike e está desenhando o Homem-Aranha, da Marvel.

Apesar da mudança de título, algumas coisas não mudam...



Deodato, tudo bem?



Atrasado, como sempre!



Enquanto isso...

Atualmente, vez por outra, Velta aparece com a mesma cara de modelo/atriz e com um par de seios que ainda desafiavam a gravidade, apesar da sua idade avançada.

Emir Ribeiro lançou em 2003, com argumento de seu pai, Emíron, A História da Paraíba em Quadrinhos.

Confesso que nunca folheei o que foi feito por Deodato e seu pai!

Emir continua esperando por algo.

Enquanto isso...



O Made in PB está produzindo uma homepage na Internet, que apresentará HQs curtas e comportará e-zines, os fanzines virtuais, de autores que estão começando.

Para quem pensou que o estúdio já se encontraria "deletado" hoje em dia...

Enquanto isso...



Depois de 11 anos, Cristovam Tadeu foi demitido, junto com vários jornalistas, do jornal O Norte, que se encontra em crise.

Em junho de 2004 foi destaque na Itália, junto com seu alter ego Bartolo, no 20º Festival Internacional de Cinema de Animação e de Quadrinhos.

Recentemente foi gerente de marketing de um shopping na capital e está escrevendo seu próximo show de humor: Riso Ponto Com.

Enquanto isso...

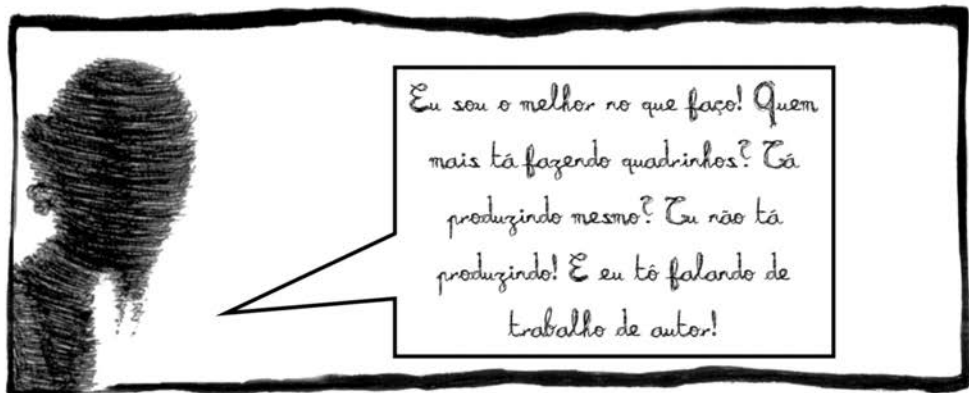


Henrique continua cortando simetricamente, uma a uma, as páginas de seus livros da coleção Quiosque. A Nova Onda dos Fanzines, o sétimo lançamento da série, complementa o que foi desenvolvido por ele para seu Mestrado em Ciências da Comunicação.



Henrique continua louco por quadrinhos, tocando sua gibiteca na UFPB e se queixando de seus alunos.

Enquanto isso...



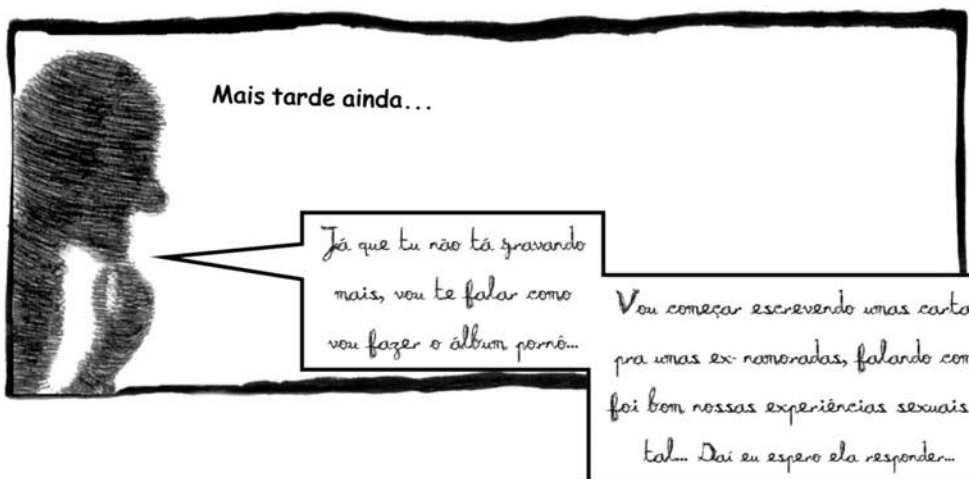
Eu sou o melhor no que faço! Quem mais tá fazendo quadrinhos? Tá produzindo mesmo? Tu não tá produzindo! E eu tô falando de trabalho de autor!



Mais tarde...

Mesmo o trabalho autoral de Deodato também é muito fraco! É a mesma coisa que ele faz pra gringo!

Pois é, Shiko, você está produzindo, mas quem está vendo seu material publicado, mesmo de modo alternativo? Quando o último Marginal saiu de sua casa?



Mais tarde ainda...

Já que tu não tá gravando mais, vou te falar como vou fazer o álbum pornô...

Vou começar escrevendo umas cartas pra umas ex-namoradas, falando como foi bom nossas experiências sexuais e tal... Dai eu espero ela responder...

Como chuva no sertão, são escassos os que fazem quadrinhos na Paraíba atualmente. Muitos abandonaram no último pau-de-arara para outros sustentos ou pela ausência de um tempo maior.

Na verdade, apesar do "boom" criativo dos anos 1970, nunca existiu uma retração nos mercado de quadrinhos paraibanos porque nunca existiu um mercado para este meio.

O sofrimento que passam os quadrinhos no Estado é o mesmo nas demais regiões de todo país, incluindo o eixo Rio-São Paulo. A produção se concentra nos espaços mínimos dos jornais ou se alojam nas editoras independentes, que vêm a ser o melhor remédio para diversificar e divulgar o produto, esbarrando então no problema de distribuição, que existe a boca pequena pelos correios e internet.

As grandes editoras se voltam para o retorno garantido e quantitativo, com milhares de exemplares vendidos ao mês, sem falar que os direitos que o autor tem da obra é a menor percentagem da folha de despesas.

Entre problemas e soluções viáveis, os quadrinhos vêm sobrevivendo, principalmente através do balão de oxigênio da Marca de Fantasia. Apesar de aparentemente insatisfeito e cabisbaixo, Henrique Magalhães e os outros na ativa não desistem, independente da qualidade de seus trabalhos.

A perspectiva do futuro quadrinhístico paraibano ainda está em aberto, mesmo para um senhor de 40 anos. Mas dizem por aí que a vida começa aos quarenta...

...Ou numa folha de papel em branco.

CRONoLoGiA

Principais acontecimentos, eventos, personagens e publicações durante os 40 anos de história em quadrinhos na Paraíba.

1963-1973

1963: Lançamento da revista *As Aventuras do Flama* (Deodato Borges);
1971: *Jornal Edição Extra*, com *Bat-Madame* (Anco Márcio e Luzardo Alves), *Justino* (Flávio Tavares) e *Eva e o Paraíso* (Luzardo Alves);
1973: *A dub, o camelo* (Marcos Tavares e Juca), *Shangai* (Richard Muniz) e *O Planeta Maluco* (Deodato Borges).

1973-1983

1974: Revista *O Cuca* (Assis Vale);
1975: *O Conde* (Marcos Tenório e Tônio);
Suplemento O Norte em Quadrinhos, com *Nhôriquinho* (Magalhães), *As Cobras* (Marcos Nicolau), *Alfredo* (Francisco de Assis), *Sabido e Welta* (Emir Ribeiro), *Maria* (Magalhães), *Super-Bum* e *Ramiro* (Guilherme Cabral), *Sandra* (José Costa);
Archidy Filho produz vários quadrinhos;
1976: *O Norte em Quadrinhos* continua com *Vagabundo* (Magalhães), *Dadá* (Domingos Sávio), *Meia-Noite* (Djalma Francisco), *Topázio Verde* (José Costa), *Shifazum* (Robério Soares), *O Navio Pirata* (Gláucio Marinho Rocker);
Criação do suplemento *O Pirralho*, com *Gavilu* e *Dyno* (Daniel Graneros), *O Imortal* (Alberto Júnior), *Calungalo* (Mirson Júnior), *Itabira* (Emirson e Emir Ribeiro), *Cacau* (Cloves Santos), *O Desconhecido* (Emir Ribeiro);
O jornal A União publica *Aurê* (Francisco "Xico" de Assis Araújo) e *Tom Mate* (Clésio);
Mirtzi Ribeiro publica vários quadrinhos.
1977: *O Norte em Quadrinhos* publica *Kay France* (Rejane Alves), *Pingo* (Napoleão Júnior), *Nêgo Duda* (Tarso e Clístenes), *Zezinha* (Hélio Magalhães);
O Pirralho publica *Homodiscos* (Rejane Alves), *Kebinho* (Cloves Santos), *Naldinho* (Rosildo) e *Henrique Magalhães* publica *Os Pirralhos*, em *A União*;
1978/1979: *O Pirralho* continua com *Dido* (Bulhões e Mendes), *Cangu-fu* (Domingos Sávio), *Cobrinha* (Joselito), *Binidito* (Magalhães), *Béco* (Rosiel),

Nesutio (Archidy Filho);

1980: Revista Maria (Magalhães) publica Garibaldo (Marcos Nicolau) e o jornal Correio da Paraíba lança O Guri, editado por Deodato Borges;

1982: Deodato Filho lança O Ninja, na revista HQ;

1983: Lançamento da revista Lampirão (Cristovam Tadeu) e Pedro (Gilton).

1983-1993

1983/84: Leve Metal (Presença Literária), editado por Henrique Magalhães;

1984/1985: 3000 Anos Depois e A História da Paraíba em Quadrinhos (Deodato Sênior e Filho);

1986: Bartolo, Her Fróide, Ostradamus e Neuroses/Baratos Afins (Cristovam Tadeu);

1990: Criação da Gibiteca Henfil;

1991: Deodato Filho e Emir Ribeiro produzem para os EUA.

1993-2003

1995: Criação da editora independente Marca de Fantasia (Henrique Magalhães);

1996: Exposição A Terceira Onda;

1997: Lançamento do fanzine Marginal (Shiko);

1998: Criação do estúdio Made in PB;

2000/2001: A União em Quadrinhos;

2003: A História da Paraíba em Quadrinhos (Emirson e Emir Ribeiro).

Créditos das ilustrações contidas neste livro:

- 1: Arte da página 13 de Deodato Filho e Emir Ribeiro;
Tiras da página 14 de Cristovam Tadeu e Henrique Magalhães;
- 2: Arte do Flama das páginas 21,22 e 23 por Deodato Borges;
- 3: Arte da página 29 de Deodato Filho;
- 4: Arte da página 33, 34 e 35 de Emir Ribeiro;
- 5: Arte da página 41 e 42 de Shiko;
- 6: Tiras da página 47 de Henrique Magalhães;
- 7: Arte da página 55 de Allison Ricardo, Telles e Josival;
- 9: Tira na página 68 de Marcos Nicolau;
- 10: Arte da página 70 de Deodato Borges;
Arte da página 72 de Cristovam Tadeu

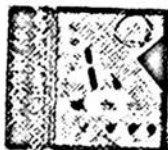
AgRaDeCiMeNtOs

Às pessoas que contribuíram para que este projeto permanecesse no papel:

- Mamãe (Oneide), papai (Audaci) e vovó (Severina) são os culpados por tudo, desde quando guardei aquela edição do Super-Homem, nos idos de 1986;
- Para não terem crise de ciúmes (por ordem de chegada) Patrícia e Sabrina, minhas queridas irmãs;
- Meu velho amigo Manassés Alves Filho, que forneceu o material de sua loja especializada em quadrinhos, a Comic House, junto com o entusiasmo e algumas idéias;
- Carlos José Nascimento, que garantiu o apoio técnico necessário para diagramação e balonamento dessas páginas quando ainda eram um projeto de final de curso;
- Meus grandes amigos colecionadores: Eric Caetano e Júnio Cândido, além de todos que freqüentam a Comic House (Fábio Cardoso, Flávio Caldas, Francisco Chagas Jr., Kelly Cristina, Luiz Neto, Michel...) e os ex-colecionadores, como Alexandre e Ricardo Martins;
- Todos que acompanharam minhas frustrações ao rasgar de uma página ou no entrave de uma idéia, até ao simplesmente perguntar em que pé andava o projeto: Esly "Lico" César, Elizângela Moura, Breno "e aí, maldito?!" Barros, Daslei "psicólogo nerd" Ribeiro, Juliana "ninguém merece!" Rosas, Lúcio "jamais saberás!" Vilar, Marcos "ainda produzo" Nicolau, Pablo "boêmio acadêmico" Maia, Elaine "criatura!" Silveira, Taêta "você está bem?" Alves e Niu Batista ("cansado de guerra");
- Retroativamente, Josy, minha consorte;
- Os quadrinhistas paraibanos (ausentes ou presentes nesta obra) que rabiscaram nesses 40 anos de história. Que o nanquim de suas penas não se acabe jamais e que suas HQs nunca acabem virando embalagem pra peixe na feira de domingo! E que olhem isto como um incentivo, não um declínio...
- E a todos os meus inimigos, claro! Saúde à todos!

Obrigado, pessoas!

Audaci Jr.



J. Audaci Junior nasceu em João Pessoa, no ano de 1978. Realizou alguns vídeos (documentários e ficções), escreveu um punhado de matérias jornalísticas e relises, mas nunca plantou uma árvore ou teve um filho. Estas reportagens sobre os 40 anos de quadrinhos paraibanos foi o seu projeto experimental de conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal da Paraíba, em 2003/4.



SoBrE o
AuTOR

Em 2003 os quadrinhos paraibanos completaram quatro décadas de existência. Para marcar a data, J. Audaci Junior debruçou-se sobre sua história numa perspectiva crítica e quase sempre irônica. Essa abordagem foge às habituais retrospectivas que são feitas mais para homenagear que para analisar o conjunto da arte. J. Audaci Junior vai além e cria uma reportagem em quadrinhos, *Riscos no Tempo: 40 anos de história em quadrinhos na Paraíba*.

